

# O Brasil e a poesia africana de língua portuguesa

Vima Lia Martin\*

Anita Martins Rodrigues de Moraes\*\*

## Resumo

Este artigo investiga a presença do Brasil na poesia africana de língua portuguesa. Mapeia esta presença levantando poemas que, de alguma maneira, aludem ao Brasil. Apresenta, além de um levantamento (na forma de uma lista de poemas), estudo sobre o diálogo da poesia dos países africanos de língua oficial portuguesa com a história, a cultura e a literatura brasileiras. O objetivo do trabalho consiste, assim, em investigar e visibilizar aspectos desse diálogo.

Palavras-chave: Poesia africana de língua portuguesa; Representação do Brasil; Diálogo intercultural; Intertextualidade.

Este trabalho, dividido em duas seções, apresenta os resultados parciais de pesquisa conjunta desenvolvida por Anita Martins R. de Moraes (UFF) e Vima Lia Martin (USP) sobre a presença do Brasil na poesia africana de língua portuguesa. A pesquisa, conduzida entre os anos de 2010 e 2012, tem como objetivo mapear a poesia africana de língua portuguesa que, de alguma maneira, volta-se para o Brasil. Busca-se, com esta estratégia, favorecer a visibilidade de algo do Brasil que se fez e se faz presente na África, a partir da reflexão sobre os modos de representação de nosso país nesta poesia africana no século XIX, no século XX e no século XXI.

---

\* Universidade de São Paulo – USP.

\*\* Universidade Federal Fluminense – UFF.

Ao longo da pesquisa, voltamo-nos para antologias consagradas (como **No reino de Caliban**, de Manuel Ferreira), antologias recentes (como **Antologia da nova poesia angolana**, organizada por Francisco Soares) e livros de autoria individual (no caso de poetas que consideramos manter uma relação de intensa proximidade com o Brasil, como José da Silva Maia Ferreira, José Craveirinha, Ruy Duarte de Carvalho, Paula Tavares, Ondjaki, Virgílio de Lemos, entre outros). Apesar de termos buscado consultar fontes diversificadas, temos consciência de que nosso mapeamento pode (e deve) ser ampliado, uma vez que o diálogo com o Brasil ainda se mantém vigoroso nos países africanos de língua oficial portuguesa, como podemos verificar.

Na primeira seção deste artigo, apresentamos breves considerações sobre poemas representativos de algum traço (relevante e/ou recorrente) da presença do Brasil na poesia africana de língua portuguesa. Recorremos, para tanto, a reflexões de autores africanos sobre a presença, e as representações, do Brasil na cultura e na literatura de seus países. Trata-se dos resultados parciais da análise que empreendemos sobre o material reunido.

Na segunda seção, apresentamos o mapeamento dos textos em seu estágio atual, na forma de uma lista, contando com informações sucintas sobre cada autor e a fonte de cada poema selecionado. Entendemos que este conjunto reunido e organizado de poemas pode contribuir para pesquisas em curso sobre o tema das relações entre as literaturas de língua portuguesa, merecendo, portanto, ser veiculado.

## 1

Ao longo dos cinco últimos séculos, os laços históricos que aproximaram o Brasil e a África foram, como é sabido, muito fortes. Desde o século XVI, a formação social brasileira foi determinada pelas relações coloniais e escravistas, que se concretizaram a partir da circulação de pessoas e ideias através do Atlântico. Alguns dos poemas levantados em nosso mapeamento focalizam justamente do legado brutal, em terras africanas e americanas, do tráfico de pessoas sequestradas para serem escravizadas.

Trata-se, então, de lidar com a memória do horror, com o trauma da escravidão. Em poemas como “Epopéia”, do santomense Francisco José Tenreiro, e “Soneto ao mar africano”, do angolano Geraldo Bessa Victor, por exemplo, o Brasil é sobretudo o trágico destino dos escravizados:

“Epopéia”

Não mais a África  
da vida livre

e dos gritos agudos de azagaia!  
Não mais a África  
de rios tumultuosos  
- veias entumecidas dum corpo de sangue!  
(...)  
No Brasil  
ganhaste calo nas costas  
nas vastas plantações do café!  
No Norte  
foste o homem enrodilhado  
nas vastas plantações de fumo!  
(Francisco José Tenreiro)

Estamos diante de uma das facetas do diálogo da poesia africana de língua portuguesa com o nosso país: lidar com uma história colonial comum, marcada pela escravidão. Entretanto, se o poema de Tenreiro acusa o horror, o soneto de Bessa Victor é ambivalente, pois sugere a bravura do português que “semeia” Portugal (não se tratando, parece-nos, de palavra com carga semântica negativa) e representa o africano nos termos coloniais (paradoxalmente “indômito” e “servil”).

“Soneto ao mar africano”

Ó grande Mar, que banhas estas plagas  
africanas, em ti ouço recados  
dum mundo a outro mundo, nos teus brados  
de prantos, risos, orações e pragas!

Na dramática voz das tuas vagas,  
escuto os que, nos séculos passados,  
choraram nesse canto dos teus fados,  
cantaram nesse choro em que te alagas...

Na tua voz eu ouço o Branco bravo,  
que semeou Portugal nestes recantos  
africanos, e ainda o Negro escravo

– ao mesmo tempo indômito e servil –  
que regou com seu sangue e com seus prantos  
a semente fecunda do Brasil!  
(Bessa Victor)

Sem escamotear a incontornável dimensão de injustiça e sofrimento inerente à empresa colonial, como de certa maneira o faz o poema de Bessa Victor, é fundamental reconhecer que, no bojo dessa história atlântica, foram efetivadas trocas culturais marcadas pela solidariedade e pela criatividade. No terreno da

literatura, as marcas da presença brasileira na formação das literaturas produzidas nos países africanos colonizados por Portugal são muito significativas e apontam para a criação de um patrimônio cultural forjado a partir do diálogo estabelecido entre brasileiros e africanos. De fato, especialmente em meados do século XX, a nossa produção literária foi uma espécie de modelo inspirador para a produção dos escritores africanos das então colônias portuguesas, funcionando como referência cultural alternativa às imposições metropolitanas.

Alguns intelectuais africanos foram tocados pela difusão do lusotropicalismo defendido pelo sociólogo Gilberto Freyre, que fazia do Brasil uma espécie de espaço exemplar de liberdade e democracia racial. Em poemas como “Presença de Gilberto Freyre”, do caboverdiano Guilherme Rocheteau, podemos notar a importância do diálogo com o pensamento freyriano num dado momento do percurso intelectual dos países africanos de língua oficial portuguesa.

“Presença de Gilberto Freyre”

Entre Angolas Bantus Balantas Nagôs Fulas e Mandingos  
na noite longa e sobressaltada de nossa formação  
e você Gilberto Freyre  
na toada lírica de sua sensibilidade atlântica  
abrindo caminho na selva emaranhada  
nos bárbaros desvios da senzala à casa grande  
na vida das retinas atemorizadas  
na tristeza das cadências graves e enfeitadas  
elevar por entre sertões que lágrimas e sangue lavaram  
o sol claro de sua Ciência tão compreensiva  
com o sabor doce e suave de uma homenagem póstuma  
tecida de ternura fulgor de astros e lírios  
ante uma sepultura de gritos  
nostalgias

missangas

martírios...

(Guilherme Rocheteau)

É importante lembrar que, com a apropriação salazarista do pensamento do sociólogo brasileiro na década de 1950 (Salazar foi ditador português de 1928 a 1968), nota-se o afastamento, por parte de muitos escritores e intelectuais africanos, das teses lusotropicalistas de Freyre. Este poema de Rocheteau, contudo, evidencia a permanência e força do lusotropicalismo nos países africanos de língua oficial portuguesa, especialmente em Cabo Verde.

O interesse pelo Brasil parece permanente nestes países africanos. Para termos uma dimensão mais exata desse interesse, que toma a forma de um “encantamento”

cultivado por parcela significativa de intelectuais e escritores dos países africanos, evoquemos as enfáticas palavras do angolano Ernesto Lara Filho, presentes em crônica publicada no periódico **Notícia** (para o qual contribuiu entre 1960 e 1962):

Rubem Braga, o “sabíá” da crônica do Brasil, anda nos nossos recortes literários. Henrique Pongetti é lido por nós, também, Raquel de Queiroz e Nelson Rodrigues, esses tratamo-los por tu. São-nos familiares. Todo o angolano, do Dirico a Cabinda, do Luso ao Lobito, lê o “Cruzeiro”, ri com as piadas de Millôr Fernandes e chora com as reportagens de David Nasser sobre Aida Curi. Esses são afinal os nossos ídolos. Se pudéssemos votar, muitos de nós, angolanos de nascença, havíamos de ir às urnas depor o nosso voto nas próximas eleições brasileiras, pelo espetacular Jânio Quadros, o Jânio da “Vassoura”. Sabemos quem é Leandro Maciel, Carlos Lacerda, Pascoal Carlos Magno. Sabemos de cor frases como esta: “O petróleo é nosso”. (LARA FILHO, 1990, p.58)

Mas voltemos no tempo. Data do século XIX o primeiro marco significativo do diálogo literário ocorrido entre o Brasil e a África. Este marco diz respeito justamente à presença do angolano José da Silva Maia Ferreira em terras cariocas. Esse luandense estudou no Brasil de 1834 a 1844 e aqui entrou em contato com nossos textos românticos, muitos deles reivindicativos de uma identidade nacional. De volta a Angola, publica em 1849 aquele que é considerado o primeiro livro de poesia editado em África: **Espontaneidades da minha alma**: às senhoras africanas. Dessa obra, pelo menos dois poemas podem ser diretamente relacionados a um texto de Gonçalves Dias, o notório “Canção do exílio” (1843), que ficou célebre na tradição literária brasileira. Trata-se de “A minha terra” e “À minha terra”, que apresentam, além do tema da valorização da terra natal, a métrica e o vocabulário muito próximos do poema de Gonçalves Dias.

No poema “À minha terra”, a alusão à “Canção do exílio” é evidente. Vejamos algumas passagens do poema:

De leite o mar – lá desponta  
Entre as vagas sussurrando  
A terra em que cismando  
Vejo ao longe branquejar!  
É baça e proeminente,  
Tem da África o sol ardente,  
Que sobre a areia fervente  
Vem-me a mente acalantar.  
(...)  
Bem-vinda sejam ó terra,  
Minha terra primorosa,

Despe as galas – que vaidosa  
Ante mim queres mostrar:  
Mesmo simples teus fulgores,  
Os teus montes têm primores,  
Que às vezes falam de amores  
A quem os sabe adorar!  
(...)

No caso do longo poema “A minha terra”, uma ambigüidade se instala, estando o poeta entre a valorização emocionada de sua terra natal e a afirmação de que se trata de um espaço sem os encantos das terras portuguesas e brasileiras. Vemos, inclusive, que o sentimento de participação no “mundo português” é forte, cantando-se e louvando-se a valentia dos heróis do império português, como evidenciam as seguintes passagens:

Minha terra não tem cristais  
Dessas fontes do só Portugal  
Minha terra não tem salgueirais,  
Só tem ondas de branco areal.  
(...)  
Tem palmeiras de sombra copada  
Onde o Soba de tribo selvagem,  
Em c’ravana de gente cansada,  
Adormece sequioso de aragem.  
(...)  
Não tem Vates por Deus inspirados,  
Que decantem um Gama, um Moniz,  
Que em seus feitos com loiros ganhados  
Deram lustre ao nativo país.  
(...)  
Se assim fora – o Vate africano –  
Decantara do íntimo da alma  
Quem primeiro nos plainos torrados  
De infieis alcançou justa palma.

Decantara esse filho – Soldado –  
De Albarrota do grão vencedor,  
Que nos brados de guerra soltados  
Só mostrava denodo e valor.

Decantara um Conde Barcelos,  
Um Fernando Senhor de Bragança,  
Que aos Mouros filharam Cidades,  
Só tomadas à ponta da lança.

Decantara nas guerras de Túnis,

De Granada, Marrocos e Fez,  
Das vitórias o brado incessante –  
Contra mil – o quinhão Português.  
Decantara Afonso Guterrres,  
Um Gonçalves, um Nuno Tristão  
Que primeiros levaram à pátria  
Os cativos do ardente torrão.  
(...)

Decantara-os! – Mas que, minha terra  
Não tem Vate por Deus inspirado;  
Não é pátria do divo Camões  
Tão poeta, tão bravo soldado.  
(...)

Vi as belezas da terra,  
Da tua terra sem igual,  
Mirei muito do que encerra  
O teu lindo Portugal;  
E se invejo a lindeza,  
Da tua terra a beleza,  
Também é bem portuguesa  
A minha terra natal.  
(...)

Também invejo o Brasil  
Sobre as águas a brilhar,  
Nesses campos mil a mil,  
Nesses montes dalém-mar.  
Invejo a formosura  
Desses prados de verdura,  
Inspirando com doçura  
O Poeta a decantar.  
(...)

Podemos perceber, pela leitura dos poemas selecionados, que é de maneira ambivalente que os textos de Maia Ferreira prenunciam o nascimento do sentimento nativista que, nas décadas seguintes, ganharia fôlego nas letras de Angola (lembramos de Cordeiro da Matta, por exemplo).

Posteriormente, as experiências e realizações do primeiro modernismo brasileiro e a literatura produzida na década de 1930 foram fatos literários que deixaram marcas profundas na formação das modernas literaturas africanas de língua portuguesa, principalmente de Angola, Cabo Verde e Moçambique. Nos espaços então colonizados, a luta pela autonomia literária se deu paralelamente à organização e à luta pela autonomia política. Daí a relevância das propostas do nosso Modernismo e da chamada literatura “regionalista”, com sua forte opção pelos excluídos, como modelos dinamizadores das transformações que se buscavam no momento da afirmação das identidades nacionais.

A revista angolana **Mensagem** (1951), cujo lema era “Vamos descobrir Angola!”, a pioneira revista **Claridade** (1936), em Cabo Verde, e a revista *Msafo* (1952), em Moçambique, foram espaços de expressão de movimentos literários que, como já havia ocorrido no Brasil, reclamavam uma cultura “autêntica”, enfatizando as realidades locais e as aspirações de liberdade popular. Sobre a forte presença das letras brasileiras em Angola, declara o crítico angolano Costa Andrade em 1963:

Entre a nossa literatura e a vossa, amigos brasileiros, os elos são muito fortes. Experiências semelhantes e influências simultâneas se verificaram. É fácil, ao observador corrente, encontrar Jorge Amado e os seus capitães de areia nos nossos melhores escritores. Drummond de Andrade, Graciliano, Jorge de Lima, Cruz e Sousa, Mário de Andrade e Solano Trindade, Guimarães Rosa, têm uma presença grata e amiga, uma presença de mestres das novas gerações de escritores angolanos. E por isso mesmo, pelo impacto que tem junto do nosso povo, são vetados pelos colonialistas. Eles estão presentes, porém, nas preocupações literárias dos que lutam pela liberdade. (ANDRADE, 1980, p.26)

Em um texto bem mais recente, intitulado “O sertão brasileiro na savana moçambicana” (2005), Mia Couto também reconhece a importância capital do Brasil na formação da literatura moçambicana. Aliás, logo no início de sua reflexão, o escritor narra, bem ao gosto romântico, aquele que teria sido o momento inaugural da poesia em seu país: a paixão da moçambicana Juliana pelo poeta brasileiro desterrado Tomás Antônio Gonzaga e os inúmeros serões ocorridos em sua casa, na Ilha de Moçambique, espaço onde teria florescido o primeiro núcleo de poetas e escritores da então colônia. Afirma Mia Couto:

O nascimento da poesia moçambicana está marcado por um encontro que seria bem mais do que um casamento entre duas pessoas. Havia ali uma espécie de presságio daquilo que seria um entrosamento maior que iria prevalecer.

Mais de um século depois, nascia em Moçambique uma corrente de intelectuais ocupados em procurar a moçambicanidade. Já era, então, clara a necessidade de ruptura com Portugal e os modelos europeus. Escritores como Rui de Noronha, Noémia de Souza, Orlando Mendes, Rui Nogar, ensaiavam uma escrita que fosse mais ligada à terra e à gente moçambicana.

Necessitava-se de uma literatura que ajudasse a descoberta e a revelação da terra. Uma vez mais, a poesia brasileira veio em socorro dos moçambicanos (...) os moçambicanos descobriram nesses escritores e poetas a possibilidade de escrever de um outro modo, mais próximo do sotaque da terra, sem cair na tentação do exotismo. (COUTO, 2005, p.103)

Já no que diz respeito às relações entre as literaturas do Brasil e de Cabo Verde, é necessário sublinhar o papel decisivo exercido pela literatura social de 1930 na produção de escritores como Baltazar Lopes e Manuel Lopes, por exemplo, ambos vinculados à já referida revista **Claridade**. A similaridade climática entre o nordeste brasileiro e as ilhas de Cabo Verde favoreceu ainda mais as ressonâncias dos romances regionalistas em textos, de prosa e poesia, que buscavam afirmar a “caboverdianidade”. As palavras do poeta Gabriel Mariano atestam essa relação:

(...) Foi um alumbramento porque eu lia um Jorge Amado e estava a ver Cabo Verde. De Jorge Amado, o Quincas Berro d'Água, quando eu o li pela primeira vez, a personagem, as características psicológicas da personagem, a reação das pessoas, quando souberam da morte de Quincas Berro d'Água, eu li isso tudo e eu estava a ver a Ilha de São Vicente, Cabo Verde... Estava a ver a Rua de Passá Sabe... (In: LABAN, 1992, p.331)

Também é bastante significativa a leitura que os poetas caboverdianos fizeram da poesia de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Ribeiro Couto. Exemplar das relações estabelecidas é a intertextualidade verificada em poemas escritos em diálogo explícito com “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira (1930). No “Itinerário de Pasárgada” (conjunto de cinco poemas), escrito em 1946 pelo caboverdiano Osvaldo Alcântara (pseudônimo de Baltazar Lopes para sua produção poética), o tom oscila do nostálgico ao contestatório, mas afinal afirma – como no poema brasileiro – a utopia de um futuro desejado. Mais tarde, outro poeta, Ovídio Martins, retomará o tema em seu poema “Anti-evasão” (1974), dessa vez rejeitando a “viagem para Pasárgada” e afirmando a necessidade

de permanecer em Cabo Verde para construir um futuro qualitativamente diferente para o país.

Também em Angola e Moçambique, além dos já mencionados poetas brasileiros, outros, como João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Manoel de Barros e Adélia Prado, têm acolhida marcante, notável em diversos poemas como, por exemplo, “De Adélias e prados”, do angolano Ondjaki, e “Ode a Cecília Meireles”, do moçambicano Virgílio de Lemos. Paula Tavares, poetisa angolana, trava também profícuo diálogo com a poesia de Adélia Prado, como sugere o poema “Adélia segura a minha mão”. Interessa notar ainda que Paula Tavares cita trecho da canção “Cantiga de boi”, de Caetano Veloso, no poema “Os nossos bois mansos”, evidenciando a presença e relevância da música popular brasileira em terras africanas.

É importante considerar que não apenas a poesia, mas também a prosa africana de língua portuguesa tem mantido diálogo fecundo com a literatura brasileira. Alguns ficcionistas, como os angolanos Luandino Vieira e Ruy Duarte de Carvalho (este, também importante poeta), e o já mencionado escritor moçambicano Mia Couto, destacam, em entrevistas e ensaios, a importância do mineiro João Guimarães Rosa para a formulação de suas estratégias discursivas. Neste trabalho, contudo, dedicado à poesia, o diálogo entre prosadores, tão intenso, não se faz presente. Podemos perceber, no entanto, a prosa impactando a poesia, e mesmo encontrar a homenagem, na forma de poema, a prosadores brasileiros (leamos, no poema citado de Ondjaki, a menção a Raduan Nassar, por exemplo). Nesse sentido, chama atenção o encantamento de inúmeros poetas com relação à prosa de Jorge Amado – da poetisa moçambicana Noémia de Sousa ao caboverdiano Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes) e à angolana Anny Pereira, autora contemporânea. Vejamos estrofe inicial do poema de Noémia de Sousa, intitulado “Poema a Jorge Amado”:

O cais...  
O cais é um cais como muitos cais do mundo...  
As estrelas também são iguais  
às que se acendem nas noites baianas  
de mistério e macumba...  
(Que importa, afinal, que as gentes sejam moçambicanas  
ou brasileiras, brancas ou negras?)  
Jorge Amado, vem!  
Aqui, nesta povoação africana  
o povo é o mesmo também  
é irmão do povo marinheiro da Baía,  
companheiro de Jorge Amado,  
amigo do povo, da justiça e da liberdade!  
(Noémia de Sousa)

Por vezes, a leitura de textos em prosa traz recursos para a escrita poética, e vice versa. A leitura de Guimarães Rosa talvez ecoe na produção poética de Ruy Duarte de Carvalho, no seu interesse por provérbios e por formas da oralidade; assim como a leitura de Jorge Amado pode ser uma das referências para os poemas de crítica social de José Craveirinha, por exemplo. Trata-se, nesses casos, de formas de diálogo menos evidentes. Nosso trabalho ocupa-se, porém, das formas explícitas de diálogo com a literatura brasileira e com o Brasil de maneira geral. Por essa razão, o poema de Ruy Duarte de Carvalho presente em nosso levantamento é aquele que traz a fala (ficcional) de um brasileiro do século XVII em terras angolanas (poema intitulado “Fala de um brasileiro ao capitão-mor Lopo Soares de Lasso”).

Vale dizer que o único poema selecionado em nosso mapeamento que não alude explicitamente ao Brasil, mantendo apenas uma relação intertextual não explícita com um texto brasileiro é “Castigo pró Comboio malandro”, do angolano António Jacinto. Optamos por incluir este poema porque sua relação com “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira, parece-nos por demais evidente, e tem sido já apontada pela crítica especializada.

Em nossa perspectiva, o levantamento e apontamentos aqui apresentados não deixam dúvidas sobre a relevância do papel exercido pelo Brasil na formação das literaturas africanas de língua portuguesa. Como conclusão parcial deste trabalho em desenvolvimento, podemos reter que, por vezes, o Brasil é rememorado na poesia africana como destino de brutal tráfico humano; outras, imaginado como espaço utópico de liberdade política e harmonia racial; em parte significativa dos poemas, nosso país emerge como um território cúmplice, de onde emanam vozes capazes de compreender e se solidarizar com realidades sociais e culturais que podem ser aproximadas.

O conjunto de poemas levantados por nós sugere que, seja no profícuo diálogo literário, seja na menção a traços da cultura brasileira veiculada em terras africanas, seja ainda no recurso a uma memória colonial comum (de assombrosa violência) e na afirmação de resistência (o negro que luta, na África e nas Américas, contra o racismo, por exemplo), o Brasil está fortemente presente no repertório poético africano de língua portuguesa. Trata-se de uma presença viva, de um diálogo em curso, como atestam os textos de jovens escritores que, em publicações recentes, continuam a mencionar nosso país. Há certamente muito ainda a descobrir. O conjunto de poemas reunidos não esgota a questão dos trânsitos culturais entre o Brasil e os países africanos de língua oficial portuguesa. Ao contrário, pretende abrir caminhos e instigar o estudo de aspectos da presença do Brasil na

poesia africana de língua portuguesa, inclusive a investigação de novas formas e possibilidades de diálogo.

## 2

Segue-se a lista de poemas reunidos (por ordem alfabética segundo o primeiro nome do autor), contendo informações (local e data de nascimento e morte) sobre cada um dos autores elencados. O número de poetas reunidos é trinta e nove (39), dos quais vinte e dois (22) são angolanos, oito (08) são caboverdianos, oito (08) são moçambicanos e (01) um é santomense (não encontramos, no material por nós consultado, poemas referentes ao Brasil de autoria de poetas da Guiné-Bissau). O total de poemas reunidos é de sessenta e um (61).

Dentre o conjunto de poemas, há aqueles que apenas mencionam o Brasil, entre outros países do continente americano; há poemas que estabelecem alguma relação intertextual com textos da literatura brasileira; outros que tratam da história colonial comum, especialmente do tráfico de africanos escravizados para o Brasil; outros poemas enaltecem o Brasil; há poemas que se referem a personalidades brasileiras (escritores, pensadores, etc.); há, ainda, poemas que mencionam a opressão (e por vezes a resistência a formas de opressão) dos negros no Brasil. Como se vê, de maneira múltipla, o Brasil se faz presente.

### **Lista de poemas levantados (ordem alfabética por nome do autor):**

1. Agostinho Neto (Angola, 1922 - Rússia, 1979) Poema: “Aspiração”. In: NETO, Agostinho. **Trilogia poética**: Sagrada esperança, Renúncia impossível e Amanhecer. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.
2. Anny Pereira (Angola, 1951 -) Poema: “Identidade”. In: VASCONCELOS, Adriano Botelho de. (Org.). **Todos os sonhos**: Antologia da poesia moderna angolana. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2005, p.147.
3. Antero Abreu (Angola, 1927 -) Poema: “A alienação e as horas”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.122.
4. António Jacinto (Angola, 1924-1991) Poema: “Castigo pro comboio malandro”. In: **Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963)**. Volume I. Lisboa: Edição ACEI, 1994, p.145.

5. António Nunes (Cabo Verde, 1917 - Portugal, 1951) Poema: “Terra”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban I**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.135.
6. Arménio Vieira (Cabo Verde, 1941 -) Poemas (dois): 1. “Dez poemas mais um”. In: **MITOgrafias**. Mindelo: Ilhéu Editora, 2006; p. 15; 2. “Toti Cadabra: vida e morte Severina”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban I**. Lisboa: Seara Nova, 1975; p. 223-224.
7. Carlos Ferreira (Angola, 1960 -) Poema: “Poema setenta e seis”. In: VASCONCELOS, Adriano Botelho de. (Org.). **Todos os sonhos**. Antologia da poesia moderna angolana. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2005, p.206.
8. Costa Andrade (Angola, 1936 - Portugal, 2009) Poemas (dois): 1. “Poema oitavo de um canto de acusação” In: **Poesia com armas**. Luanda: Edições Maianga, 2004, p. 43; 2. “Cela comum”. In: **Poesia com armas**. Luanda: Edições Maianga, 2004, p. 53.
9. Ernesto Lara Filho (Angola, 1932 - 1977) Poema: “Sinceridade”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.215.
10. Fonseca Amaral (Portugal, 1928 - 1992; poeta moçambicano) Poema: “Evocação” In: SAÚTE, Nelson. (Org.). **Nunca mais é sábado**. Antologia de poesia moçambicana. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004, p.192.
11. Francisco José Tenreiro (São Tomé e Príncipe, 1921 - Portugal, 1963) Poemas (três): 1. “Epopéia”, 2. “Coração em África”, 3. “Negro de todo o mundo”. In: **Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império** (1951-1963). Volume I. Lisboa: Edição ACEI, 1994; p.292 (1); p. 287 (2); p.294 (3).
12. Gabriel Mariano (Cabo Verde, 1928 - Portugal, 2002) Poema: “Carta de longe”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban I**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.170.

13. Geraldo Bessa Victor (Angola, 1917 - Portugal, 1990): Poemas (dois): “Soneto ao mar africano”, “Eis-me navegador”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1975; p.58 (1); p.60 (2).
14. Guilherme Rocheteau (Cabo Verde, 1924 -) Poema: “Presença de Gilberto Freyre”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban I**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.145.
15. Humberto da Sylvan (Angola, 1925 -) Poema: “Xico Bilha”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.149.
16. João Maimona (Angola, 1955 -) Poema: “Poema para Carlos Drummond de Andrade”. In: **Traço de união**. Luanda; Rio Tinto: UEA/ Edições ASA, 1989, p.16.
17. João Melo (Angola, 1955 -) Poemas (dois): 1. “João Cabral de Melo Neto”. In: **O caçador de nuvens**. Luanda: UEA, 1993, p.19; 2. “Canção para Milton do Nascimento”. In: **Auto-retrato**. Lisboa: Caminho, 2007, p.65.
18. Jofre Rocha (Angola, 1941 -) Poemas (dois): 1. “Paisagem do Nordeste”, 2. “Cântico de alforria”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1975; p.385 (1); p. 386 (2).
19. José Craveirinha (Moçambique, 1922 - 2006) Poema: “Olá, Maria”. In: **Maria**. Maputo/Lisboa: Editorial Ndjira, 1998, p.115.
20. José da Silva Maia Ferreira (Angola, 1827 - Brasil, 1881) Poemas (dois): “À minha terra”, “A minha terra”. In: **Espontaneidades da minha alma**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2002, p. 118
21. José Luís Mendonça (Angola, 1955 -) Poema: “Poesia verde”. In: DANIEL, Cláudio. (Org.). **Ovi-sungu**, treze poetas de Angola. São Paulo: Lumme Editor, 2006, p.151.
22. Jorge Barbosa (Cabo Verde, 1902 - Portugal, 1971) Poemas (três): 1. “Carta para Manuel Bandeira”, 2. “Você, Brasil”, 3. “Carta para o Brasil”. In:

- FRANÇA, Arnaldo; SANTOS, Elza Rodrigues dos. (Orgs.). **Obra poética**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2002; p.131 (1); p. 135 (2); p.133 (3).
23. Leite de Vasconcelos: (Portugal, 1944 - África do Sul, 1997; escritor moçambicano) Poema: “Telegrama para Manuel Bandeira”. In: Antologia de poesia moçambicana. SAÚTE, Nelson. (Org.). **Nunca mais é sábado**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004, p.414.
24. Luís Carlos Patraquim (Moçambique, 1953 -) Poemas (dois): 1. “Metamorfose”, 2. “Drummondiana”. In: **O osso côncavo e outros poemas**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008; p. 24 (1); p. 85 (2).
25. Mário António (Angola, 1934 - Portugal, 1989) Poema: “Canto de farra”. In: **100 poemas**. Luanda: Edições ABC, 1963, p.46.
26. Maurício Gomes (Angola, 1920 -) Poemas (dois): 1. “Exortação”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 85; 2. “Estrela pequenina”, In **Antologia de poesia da Casa dos Estudantes do Império** (1951-1963). Volume I. Lisboa: Edição ACEI, 1994, p.121.
27. Nélson Saúte (Moçambique, 1967 -) Poema: “A viagem profana”. In: **A viagem profana**. Maputo: Marimbique, 2003, p.9.
28. Noémia de Sousa (Moçambique, 1926 - Portugal, 2002) Poemas (três): 1. “Poema para Jorge Amado”, 2. “Poema de João”, 3. “Samba”. In: MENDONÇA, Fátima; NOA, Francisco; SAÚTE, Nelson. (Orgs.). **Sangue negro**. Maputo: AEMO, 2001; p.136 (1); p. 116 (2); p. 97 (3).
29. Ondjaki (Angola, 1977 -) Poemas (três): 1. “Chão”. In: **há prendisajens com o xão**. Luanda: Editorial Nzila, 2002, p.11. 2. “De Adélias e prados”, 3. “Essa palavra margem”, In **Materiais para a confecção de um espanador de tristezas**. Lisboa: Caminho, 2009; p. 36 (2); p.78 (3).
30. Osvaldo Alcântara (pseudônimo de Baltasar Lopes) (Cabo Verde, 1907 - Portugal, 1989) Poemas (três): 1. “A serenata”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban I**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.115; 2.

- “Itinerário de Pasárgada”. In: ANDRADE, Mário de. (Org.). **Na noite grávida de punhais**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1980, p.32; 3. “Poema a Jorge Amado”. In: **Claridade**: revista de arte e letras. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1986, p. 84.
31. Ovídio Martins (Cabo Verde, 1928 -) Poema: “Anti-evasão”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **50 poetas africanos**. Lisboa: Plátano, 1986, p.228.
32. Paula Tavares (Angola, 1952 -) Poemas (dois): 1. “Os nossos bois mansos”, 2. “Adélia segura a minha mão”. In: **Amargos como os frutos** (poesia reunida). Rio de Janeiro: Pallas, 2011; p. 173 (1); p. 200 (2).
33. Rui Knopfli (Moçambique, 1932 - Lisboa, 1997) Poemas (dois): 1. “Contrição”, 2. “Terra de Manuel Bandeira”. In: **Obra poética**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2003; p.210 (1); p. 44 (2).
34. Ruy Duarte de Carvalho (1941 - 2010) Poema: “Fala de um brasileiro ao capitão-mor Lopo Soares de Lasso”. In: **Lavra** (poesia reunida 1970-2000). Lisboa: Cotovia, 2005; p. 421.
35. Tomás Jorge (Angola, 1929 - Portugal, 2009) Poema: “Colonização”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1976; p. 251.
36. Tomás Vieira da Cruz (Portugal, 1900 - 1960; escritor angolano) Poema: “Quissange - saudade negra”. In: **Caderneta de poesia I**. São Paulo: Brasiliense, 1978; p. 19.
37. Virgílio de Lemos (Moçambique, 1929 -) Poemas (três): 1. “Native song n.1”, 2. “Ode a Cecília Meireles”, 3. “Ode ao Manuel Bandeira”. In: **Jogos de Prazer**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2009; p. 269 (1); p. 471 (2); p. 475 (3).
38. Virgílio Pires (Cabo Verde, 1935 -) Poema: “Reminiscência”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban I**. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.289.
39. Viriato da Cruz (Angola, 1928 - China, 1973) Poema: “Mamã Negra (Canto de esperança)”. In: FERREIRA, Manuel. (Org.). **No reino de Caliban II**. Lisboa: Seara Nova, 1976; p. 173.

## Abstract

This article investigates the presence of Brazil in the Portuguese Language Poetry of Africa. It presents a list of poems that are allusive of Brazil, as well as a study of some of these poems considered representatives in a certain way. The aim of this work is to investigate and highlight some aspects of the dialogue that the poetry from African countries of official Portuguese language establishes with Brazilian history, culture and literature.

Key words: Portuguese Language Poetry of Africa; Representation of Brazil; Intercultural dialogue; Intertextuality.

## Referências

- ANDRADE, Costa. **Literatura angolana** (opiniões). Lisboa: Edições 70, 1980.
- CAVACAS, Fernanda; GOMES, Aldónio. **Dicionário das literaturas africanas de língua portuguesa**. Lisboa, Caminho, 1997.
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**. Experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- COUTO, Mia. **Pensatempos**. Textos de opinião. Maputo: Editorial Ndjira, 2005.
- ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Lisboa: edições 70, 1979.
- GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**. Literatura em chão de cultura. Cotia, SP: Ateliê, 2008.
- LABAN, Michel. **Encontro com escritores** – Cabo Verde. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992.
- LARA Filho, Ernesto. **Crônicas da roda gigante**. Porto: Afrontamento, 1990.
- MACÊDO, Tania. **Angola e Brasil: estudos comparados**. São Paulo: Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/USP, 2003.
- MACÊDO, Tania. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. In: **Revista Via Atlântica**, nº 13, p. 123-152, 2008.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Paralelas e tangentes entre literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa/USP, 2003.